

Bons tratos começando pela família



É na família que a maioria das crianças experimenta o acolhimento e cuidado capazes de introduzi-las ao mundo de uma forma feliz e equilibrada. Mas é também a partir da família que muitas crianças descobrem que não são bem-vindas a este mundo. O que podemos fazer para fortalecer a família? Uma criança terá grandes chances de ser bem tratada quando...

Nós, adultos, desenvolvemos um apego forte e seguro com ela.

O apego é um vínculo forte que se estabelece entre o bebê e as pessoas que cuidam dele. Apesar de os vínculos biológicos ajudarem, há obstáculos que dificultam o desenvolvimento do apego.

Precisamos dedicar tempo, desenvolver flexibilidade e tolerância e satisfazer as necessidades básicas do bebê como alimento, carinho, colo, etc.

Parece que o bebê desenvolve um vínculo forte com as pessoas que ele percebe como mais capazes de protegê-lo. Quando o vínculo é forte, nossa capacidade de cuidar e de aceitar a criança como ela é melhora.

Por outro lado, se não houver apego, a criança corre grandes riscos.



Nós, adultos, conhecemos as características do desenvolvimento da criança a cada etapa de sua vida.

Isto nos ajuda a ter expectativas realistas e a colocar limites adequados levando em conta a idade e o desenvolvimento da criança. Além disso, se a criança tiver alguma deficiência, reconhecer suas limitações é fundamental.

As relações em nossas famílias são baseadas no respeito e não no poder.

Precisamos construir relações saudáveis, o que implica desenvolver ferramentas para trabalharmos a disciplina e os limites de forma não violenta. Precisamos evitar qualquer abuso de poder. Praticamos vários tipos de maus-tratos com a justificativa de que são formas de educar. Mas o exercício indiscriminado de poder por parte do adulto é uma estratégia negativa que não educa. É muito importante aprendermos a diferença entre limite e castigo.

Cada membro de nossa família é estimulado a se comunicar de forma saudável.

Precisamos reconhecer e expressar nossas emoções, especialmente o afeto. Saber identificar e responder às necessidades de cada um em nossa família com empatia e afeição também é muito importante. O jogo, a recreação, e a espiritualidade compartilhados entre pais e filhos é um excelente espaço para que essa comunicação saudável se desenvolva.

Nós, adultos, temos cuidado com a nossa saúde mental.

Quando passamos por alguma doença mental ou problemas emocionais graves (episódios depressivos, por exemplo) nos tornamos indisponíveis emocionalmente e deixamos de interagir de forma positiva com os outros. A maioria de nós, no entanto, pode se restabelecer se buscar um tratamento adequado.

Os papéis que por cada membro da família deve desempenhar são bem definidos.

Estes papéis levam em conta a etapa do ciclo vital e características próprias de cada membro. É importante distinguir os papéis entre uma geração e outra. O adulto não pode atribuir à criança

responsabilidades além do que o seu desenvolvimento biológico permite. Da mesma forma o adulto não pode “se tornar criança”, evitando assumir responsabilidades e, como consequência, negligenciando as necessidades da criança. A distinção de papéis é ainda muito importante para se manter muito clara a proibição do incesto.

Nós, adultos, buscamos viver uma sexualidade adequada e saudável.

Um casal cuja vida sexual é vivida de forma satisfatória para ambos, de acordo com suas circunstâncias, favorecem a formação adequada da sexualidade de seus filhos.

Nós, adultos, buscamos apoio social para nossa família.

Sabendo que não vamos dar conta do recado isoladamente, participamos de várias redes sociais que nos ajudam e nas quais nossos filhos estão inseridos.

Nós, adultos, transmitimos às crianças gosto e amor pela vida.

A atitude mais básica que temos diante da vida é comunicada aos nossos filhos todos os dias e se torna parte integrante de seu meio. Eles acatarão esta mesma atitude ou lutarão contra ela. Modelar para os nossos filhos uma atitude positiva, de gratidão e disposição para viver, é um dos maiores presentes que podemos ofertar a eles.

Igrejas e projetos sociais cristãos desfrutam de uma posição estratégica privilegiada de envolvimento com famílias. Não podemos desperdiçar nenhuma oportunidade de dar as boas vindas às crianças. Começemos então pela família!

Por Elsie B. C. Gilbert

Origem: Revista Mãos Dadas. Edição 24.